



3 1761 06184951 9

ANTO DA CIGARRA



PQ
9261
G5C36
1920
c.1
ROBARTS

AS MULHERES

Augusto Gil



Presented to the
LIBRARY of the
UNIVERSITY OF TORONTO
from
the estate of
GIORGIO BANDINI

O Canto da Cigarra

(Sátiras ás mulheres)

DO AUTOR :

Poesia:

O Craveiro da Janela. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Luar de Janeiro, 4.^a edição. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Alba Plena (Vida de Nossa Senhora), 3.^a edição. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Versos, 3.^a edição. Lisboa. Livraria Aillaud e Bertrand.

Sombra de Fumo. Coimbra. Livraria Moura Marques.

Prosa :

Gente de Palmo e Meio. Lisboa. Livraria Guimarães.

AUGUSTO GIL

Canto da Cigarra

(Sátiras ás mulheres)

3.ª EDIÇÃO



1920

GUIMARÃES & C.ª — Editôres

68, Rua do Mundo, 70

LISBOA



Composto e impresso na Imprensa de Manuel Lucas Torres

59 — Rua do Diário de Notícias — 61

A BULHÃO PATO

Poeta eminente e prosador insigne

«Faça-se justiça ao homem. Não foi elle o depressor da mulher. Foi ella...

«Fez-se carnal em todas as suas potências. Calculou com as lágrimas e com os risos : vendeu-se nos seus affectos e protraíu o grandioso da sua realeza, decretando que o turíbulo de seus perfumes contivesse mirra, incenso e *ouro* também. Constituída mercancia, esta engenhosa feitura de Deus tornou-se objecto de permutação, uma compra de contento, uma coisa de fastio, como o casaco usado, as pantalonas velhas, e o chapéu do ano passado.»

CAMILLO CASTELLO BRANCO.

«Deve temer-se mais o amor duma mulher do que o ódio dum homem.»

SÓCRATES.

«Não vale a pena escolher entre as mulheres. Por que valem todas o mesmo ? Não ; por que nenhuma vale nada.»

PLAUTO.

Este livro era maior ; mas a papelada em que se continha, ficou-me, esquecida, na gaveta dum feio quarto de hotel. Mêsese passados, quando fui por ela, disseram-me que um vago «brasileiro» de torna viagem, meu sucessor no aposento, a levára para terras de Santa Cruz.

A ser exacto o gorgeteado e solícito informe que a creadita da poisada me prestou, o bom do homem — se não encheu a mala com mais valiosa bagagem — pouco apertado se há de ter visto com as exigências alfandegárias . . .

Impus então á minha irrequieta memória o justo castigo de reconstituir o manuscrito ; depois de mais espremida do que as uvas num balseiro, deitou isso

que aí vai e que será, se o fôr, uma escassa metade do primitivo texto.

Escrevi o *Canto da Cigarra* após uma época de succulentas leituras, com as quais intentei dar ao barco sem rumo da minha impressionavel sentimentalidade as sete amarras da Sabedoria e o pesado lastro duma catedrática erudição. Foi um acêssão de bolimía scientifica em que devorei a êsmo, numa préssa voraz e sem a imprescindivel mastigação critica, quanto de maior êxito se dava á estampa. Desfilaram sob os meus olhos todos os maxacazes do fecundo neo-renascimento italiano. Passaram-me tambem á vista, mediante o binóculo das traduções francesas, os luminares da sábia e fardada Alemanha. Ingeri, parágrafo a parágrafo, o que as livrarias inglesas publicaram do miudo e pertinaz Spencer ; não satisfeito ainda, atirei-me ao conhecimento doutros evolucionistas notórios que seguiram as piugadas do atento filósofo de Farsfield Pewsey. Para sobremesa, refestelei-me com o que, de ensinativo, recém-gerára o espirito gaulês : Monsieur Gustave Le Bon, os pontífices da Escola dos Altos Estudos Sociais, e restantes nomes apontados a tipo grosso nos catálogos

da Felix Alcan, regalaram-me com a sua prosa clara, onde os mais rígidos raciocínios são moldados numa linguagem em que há sempre o atraente aroma do pó d'arroz... Um fartote !

Ora nessa catadupa de doutrinarismo, já de si atordoante, porque nela se imiscuíam os mais antagónicos princípios : (*A Conquista do Pão*, de Kropotkine, em seguida ás *Cartas do Padre Didon* : *Os Aforismos* respigados em Nietzsche, por Lichtemberg, a par da *Oração á Luz* do Mestre Junqueiro ; *A Nova Teoria da Vida*, de Le Dantec, por cima da *Existencia de Deus*, do eruditissimo José Sampaio ; *As Ideias de Platão*, por Dantu, em convizinhança com as ideias expendidas, num numero do Diário das Câmaras, pelo Conselheiro Rodrigo Pequito, a propósito... duma estrada para Pampilhosa do Botão), — veio parar-me ás mãos *La Donna Delinquente*, de Lombroso. Como portuguezinho de tẽmpera, que o mesmo é dizer femeeiro, mal vi que se tratava de mulheres, — criminosas embora — pus-me a ler atentamente o alentadissimo tomo. A denominação inicial era acompanhada por est'outra que de maior chamariz me serviu : *La donna normale*.

Esse libelo cerrado, em que o prestígio das filhas de Eva é reduzido a cácos, foi o Alcacer Kibir dos meus idealismos de poeta lírico, do meu beatífico enlêvo ante a «obra prima de Deus» . . .

A' inapagavel impressão, que tal obra me deixou, vieram juntar-se, como pintainhos acorrendo ao milho, todas as semi-apagadas invectivas que, contra a mulher, tinha lido, desde certos versículos de Bíblia até ao *Pái* de Strindberg.

Numa súbita reviravolta de Saulo, molhei em negra tinta uma pena de guerreiro formato lança e, firmemente resolvido a arvorar-me em Trepoff do feminismo — escrevi as sátiras que adiante imprimo, mas desbastadas, agora, das suas mais cortantes arestas. Estas, e as que se extraviaram, como mexeriqueiramente lhes contei.

Com o andar do tempo, curei-me da infecção de jacobinismo demolidor que o antropólogo italiano me pegára ; e por virtude do «rítmico recuo» que Spencer assignála «como necessária superveniência de exageros radicais que necessários são também» vim ao convencimento de que a magna-caterva de defeitos que se infiltraram no coração da mulher

atual e que se afiguram como constitucionais (alguns, como a mentira, classifica-os Lombroso de fisiológicos) são a final e exclusivamente : resultantes mecanico-anímicas da subalternidade em que sempre tem vivido e da generalizada corrupção contemporânea. Que culpa teve a adúltera da *Sonata a Kreutzer* de que a escolha duma noiva e a aceitação dum marido se guiem pelas normas que o evangelista russo nos pinta? Um provérbio da Itália diz que a mulher usa do engano como o boi usa dos chifres. Naturalmente ! A dissimulação é a arma da sua defeza e a sensualidade é a do seu ataque nas renhidas e triunfais batalhas dadas ao macho dominador.

Por isto e por muito mais, que prolixo se torna dar ao rol desde que, como supremo argumento, se aponte o nível de degradante e mal disfarçada escravidão em que ainda a colocam as mais avançadas leis — voltei a ser, se não o antigo adorador do eterno feminino, pelo menos um amigo das mulheres. . . Repêso e contricto, aqui brado *urbi et orbe*, pela boca de Salomão, que «o riso é o erro» e que «vãmente o mofador busca a sabedoria».

Mas olhem que não poucas destas sátiras teem algum tanto de parecido com o que Eduardo de Artayett venceu numa imagem de génio :

«*Rindo, como uma lágrima que endoidecesse*»

Peço-lhes, pois, perdão, minhas senhoras.

Em todo o caso — o dito, dito. *Quod scripsit*. . .

Para vingança de penitenciada culpa, não se lembrem de espalhar que os versos do meu pobre livro significam apenas um desabafo de infecunda e banal ciumeira. Ah, não, madamas ! Trata-se duma dôr de cotovelo tão abstracta como as abstracções do grande Kant.

Novembro de 1909.



Intróito

I

*Delambidos menestreis,
Poetas sentimentais,
Rimei sobre estes papeis
Não aquilo que escreveis,
— Mas aquilo que pensais . . .*

II

*Damas de rosto inocente,
E de alma podre, gafada,
Muita de vós, certamente,
Há de achar «isto» indecente . . .
— Por vir cá fotografada.*

III

*Oh burguesões triunfantes,
E' inutil esconder
Estes versos hilariantes
Ás esposas. Os amantes
Não deixarão de lhos lêr . . .*

IV

*Críticos de furtacôres,
Que de talento dais carta
A vis escrevinhadores,
Ide ao raio que vos parta . . .
Não preciso de favores.*

A Virtude

A JOSÉ D'ARRUELLA

Ma la donna resta sempre fon-
damentalmente immorale.

LOMBROSO.

Il y a toujours un fameux singe
dans la plus angélique des femmes.

BALZAC.

I

Tirante um ou outro, probó,
E uma ou outra, virtuosa,
O homem de hoje é um lobo
E a mulher uma raposa . . .

II

Da mulher mansa e calada,
Não deixes de ter suspeitas.
A água, quando parada,
E' que provoca as maleitas . . .

III

Baixinho. Ninguém nos oiça,
P'ra que não dês o cavaco :
(Se a virtude fôsse loiça,
Já não tinhas — nem um caco).

IV

Se quem de ti disser mal
Um pinheiro fôr dispondo,
— Arranja-se um pinheiral
Com cem léguas em redondo . . .

V

Na mulher, o persistir
Em jurar fidelidade,
E' um modo de mentir . . .
— Com maior solenidade !

VI

Passaste ; e alguém num centro
De má língua, disse : Aquela ?
Quanta vez fechei por dentro
A porta do quarto dela ! . . .

VII

— Que téla de Virgem dava !
Exclamei, em teu louvor ;
Comentário dum pintor :
— De virgem ! ? Não a assinava . . .

VIII

Passou um dandy, um snob.
Nas janellas pequeninas
Dos teus olhos, as meninas
Acenaram-lhe : pst ! sóbe !

IX

Sete pecados mortais
Me ensinaram na doutrina.
Conheço agora dois mais ;
São os teus olhos, menina . . .

X

«A mulher ganha em assento
Aos homens», Júlia dizia.
Retorquí-lhe em ar mofento ;
— Estudou anatomia ? ! . . .

XI

Maria da Graça é uma
Cachopa de olhos em brasa.
Vive sózinha, não fuma,
E tem cinzeiros em casa !

XII

O teu encanto divino
E a tua maldade acerba
Lembram-me um dito latino,
O «*latet anguis in herba*» . . .

XIII

Aproveitam meus desejos
A tua boca dest'arte :
Recolho todos os beijos,
Ponho as palavras de parte . . .

XIV

Porque demónio o abade,
Que é teu confessor também,
Em vendo o teu primo há de
Piscar de olho e dizer-lhe : Hein ? . . .

XV

— Mal o conheço, disséste.
Sempre isso mesmo supus.
A entrevista que me déste
Foi alta noite — e sem luz. . .

XVI

Menina de corpo albente
Obra prima da matéria,
Nunca te sorris, — e mente
Quem te chamar mulher séria. . .

XVII

Eu conheço a falsidade
Dêsse teu romanticismo.
Limpa os olhos. A humidade. . .
Agráva-me o reumatismo.

XVIII

Por Deus te peço que deixes
De chorar. Basta de mágoa !
Os teus olhos são dois peixes
Só estão bem dentro de água . . .

XIX

Ninguém melhor fama goza ;
Mas eu não a julgo assim.
Uma mulher virtuosa
Pode lá gostar de mim ! . . .

XX

— Onde vais tão sacudida,
Oh da peliça de lontra ?
— Como sou mulher perdida,
Vou a vêr se alguém me encontra . . .

O Amor

A HENRIQUE ROSA

Que é do amor, do amor humano
e grande? Onde está êle?...•

STRINDBERG.



I

O amor, em quem aparece,
Dizem que faz maravilhas ;
Eu, nunca vi que fizesse
Mais do que filhos e filhas . . .

II

Durará a minha vida
(Disseste-me) êste amor louco.
Quase a seguir, distraída :
-- Pressinto que duro pouco . . .

III

Em amor, acostumei-me
A este lema : depressa !
Prefiro sol que me queime
A'quele que só me aqueça . . .

IV

Êste meu absurdo apêgo
A' tua falsa ternura
Tornou-me a sorte mais dura
— Que a da cabeça dum prego . . .

V

Quantas amei vos indico,
P'ra verdes como fui tonto.
Amei vinte e nove. Fico.
Não quero estragar o ponto.

VI

O beijo medroso, esquivo,
Que alguém no teu rosto pôs,
Ficou enterrado vivo
Em carmim e pó d'arroz.

VII

Nos teus lábios carminados
Os meus poisei com amor.
Os meus ficaram pintados.
— E os teus ficaram sem côr.

VIII

Estranhas que um simples dito
Nos cortasse as relações.
Da picada dum mosquito
Veem anos de sezões. . .

IX

Oscila o teu coração,
Como um pêndulo certo,
Entre as modas da estação
E as «vitrines» do joalheiro . . .

X

Acho ao doce comparavel
O amor de qualquer pessoa.
Poucoquinho é agradável,
Em sendo de mais, enjoa . . .

XI

Tive-a durante uma hora.
Levei anos para a ter.
O resto da vida, agora,
E' para me arrepender !

XII

O sentimento do amor
A' pedra no ar se parece,
Quanto mais acima fôr,
Com tanta mais fôrça desce. .

XIII

Cupído, uma ocasião
Em que estive junto dela,
Pegou-me no coração
E pôs-se a jogar a péla.

XIV

Trago os lábios inflamados
Túmida a boca, também.
Oh dona dos meus cuidados,
Tu déste figos a alguém ? . . .

XV

Num bazar de caridade
Cravaste os olhos nos meus.
Gostas de mim na verdade
Ou foi . . . por amor de Deus ?

XVI

Ralhas por que te procuro
Nuns dias, e noutros não.
E' que eu alterno Epicuro
Com leituras de Platão.

XVII

Ha sempre coisas mesquinhas
No proceder de quem ama.
O ninho das andorinhas
E' construído com lama . . .

XVIII

— Porque amas tu essa mulher ? !

— Porque é que a amo ? Sei lá ! . . .

Quem não encontra o que quer

. . . Contenta-se com o que ha.

O casamento e a familia

A JOSÉ JOAQUIM LUIS FERNANDES

.....
Quem tiver olhos para vêr o ornato
Que essa manada marital enfeita...

JOÃO DE DEUS.

(*Campo de Flores. Poemetos*)

I

Quando tu foste gerada
 Pôs-se o sol, nasceu a lua.
 Estava tua mãe deitada,
 Andava teu pai na rua.

II

Venho dum baile. Horas mortas.
 Que impressões trouxe gravadas !
 Os pais a verem ás portas
 Se as filhas são procuradas . . .

III

Nos registos paroquiais
Ha muitas páginas cheias
Com pais apenas legais
De creancinhas alheias . . .

IV

Quando falaste em casar
Certa noite ardente, escura,
Deitaste sem o pensar
Água fria na fervura.

V

Tantos namoros e ao cabo
Não houve um só que adregasse.
Casa-te com o diabo . . .
Para se vêr o que nasce.

VI

Nestes tempos dissolutos
Toda a mulher é vendida.
Umas vendem-se aos minutos,
— As outras por toda a vida.

VII

Lua de mel, luz serena
Caíndo dum céu etéreo . . .
A primeira, a linda scena
Da tragédia do adultério.

VIII

Li agora o nascimento
Dum filho teu, no jornal
Que ha cinco menses e tal
Narrava o teu casamento!

IX

Disse-me um marido velho
De barbas brancas á Hugo ;
«Este mundo é um chavelho
E nós somos o sabugo . . . »

X

Esmagas sob o espartilho
Um seio alto e perfeito . . .
E a boquita do teu filho
A mamar num outro peito !

XI

Tomámos um compromisso.
Jurámos casar os dois.
Muito bem. Vamos a isso.
Primeiro tu. Eu depois . . .

Trovas de Pero Botelho

AO AMERICO NEGRELLOS

*Viu-te o Diabo á lua cheia
E esbraseou-se-lhe o peito.
Partiu o chifre direito
E com êle sobre a areia.*

*Em letra gorda, excelente,
E estro audaz, imprevisto,
Desatou a escrever isto
Desbragadissimamente :*

I

Vinde a ela, oh apiréticos,
Vinde a ela, oh almas áridas !
Por que os seus olhos magnéticos
São um casal de cantáridas.

II

Com suas miradas ternas
Os estragos que ela faz . . .
E sou eu quem tenta as almas,
Eu é que sou Satanaz !

III

Com teus olhos libertinos
As mudanças que tu fazes !
Tornas os velhos, meninos,
E envelheces os rapazes . . .

IV

Numa noite anciada e louca,
A um signal que tens, ouvi
Segredar a certa bocca :
— Demóra-te mais aqui . . .

V

Do teu amor, diz a fama
Que sempre a lembrança íica
(Com alguns menses de cama
E despesas de botica. . .)

VI

Ofélia d'olhar cinzento
E d'alma a escorrer saudades,
Olha, vai para um convento. . .
Para um convento de frades.

VII

E's linda e isso lhe basta.
Antes te quer assim, louca.
Não que êle, se fôsses casta
— Fazia cruzeiros na boca.

VIII

O teu colo, mal que o vi,
Deixou-me os olhos em chama.
Não haverá por aí
Nada de algodão em rama ? . . .

IX

Juntinhos, peito com peito.
Déstes um tal tropeção
Que, se não fosse o teu leito,
Caíeis ambos no chão . . .

X

Quando a aquele ulmeiro vamos
Nem vês folhas, nem vês céu.
O céu escondem-no os ramos,
Os ramos escondo-os eu.

XI

Na noite em que te casaste
Não dormi com a aflição:
Tu tambem não descansaste
— Mas foi por outra razão.

XII

Não ha taça que te ganhe
Á boca rubra e louçã
Para se beber champanhe
A's tres horas da manhã.

Dísticos

A lanterna de Diógenes

A AVELINO D'ALMEIDA

Busquei e rebusquei entre o comum
(Comum é a soberba e a vaidade)
E entre cada mil homens, achei um !

Passei á outra metade
Da néscia e vil humanidade.
Estudei toda a mulher :
As viúvas, as casadas, as donzelas :
Pois de tantissimas delas
— Não achei uma sequer . . .

«Que enorme sandeu !»
A' certa dirão.

... Mas quem escreveu isto não fui eu ! ...
— Está na Bíblia e é de Salomão.

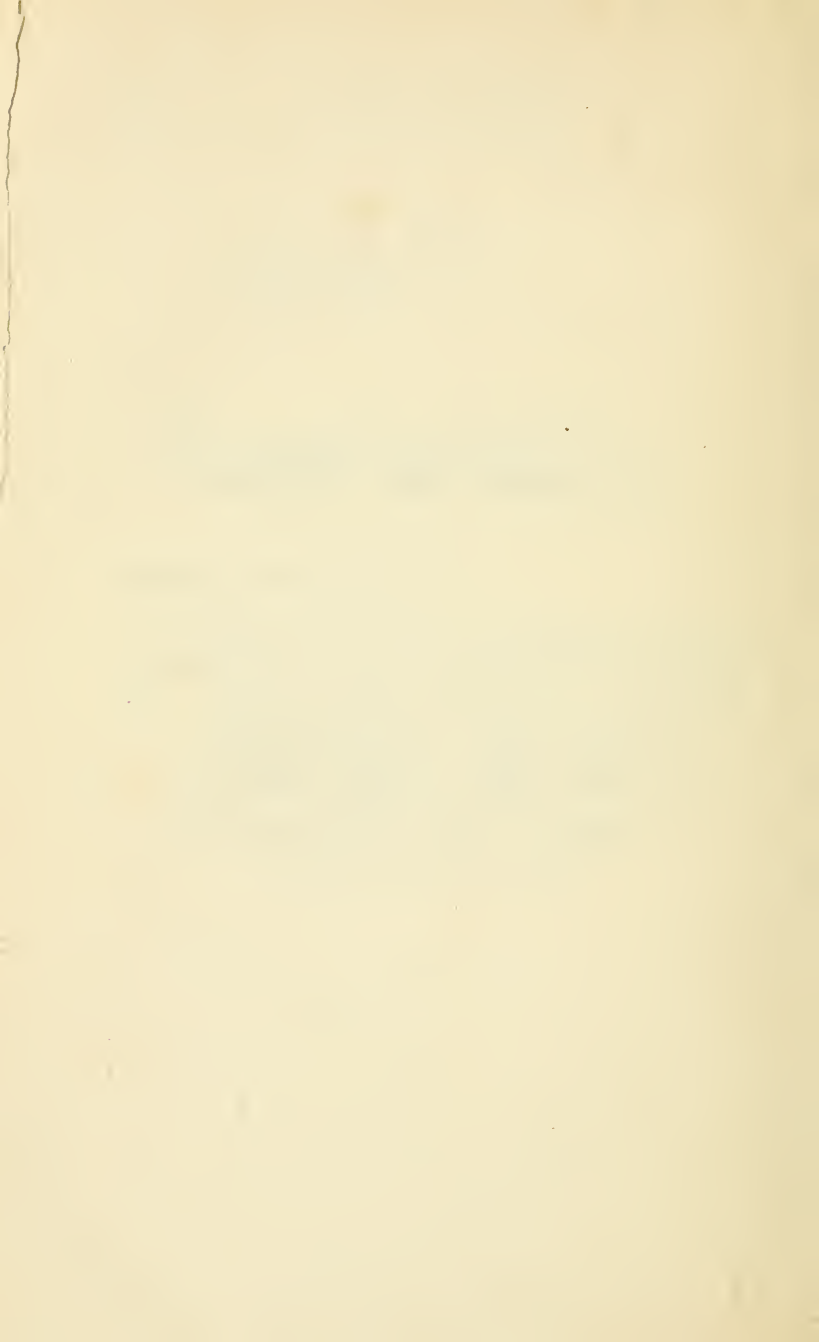
«Eis aqui o que achei, disse o Ecclesiastes, depois de ter conferido uma coisa com outra, para achar uma razão, que a minha alma busca e não pode achar. *Entre mil homens achei eu um, e de todas as mulheres nem uma achei* »

(Bíblia, *Ecclesiastes*. Capitulo VII, v 28 e 29)

A beleza dos senões

A FRANCISCO VILLAESPEA

- Certos defeitos, na mulher são laços.
Ligam, apertam, prendem mais ainda.
Quando a Venus do Milo tinha braços
— Talvez não fôsse tão linda . . .



III

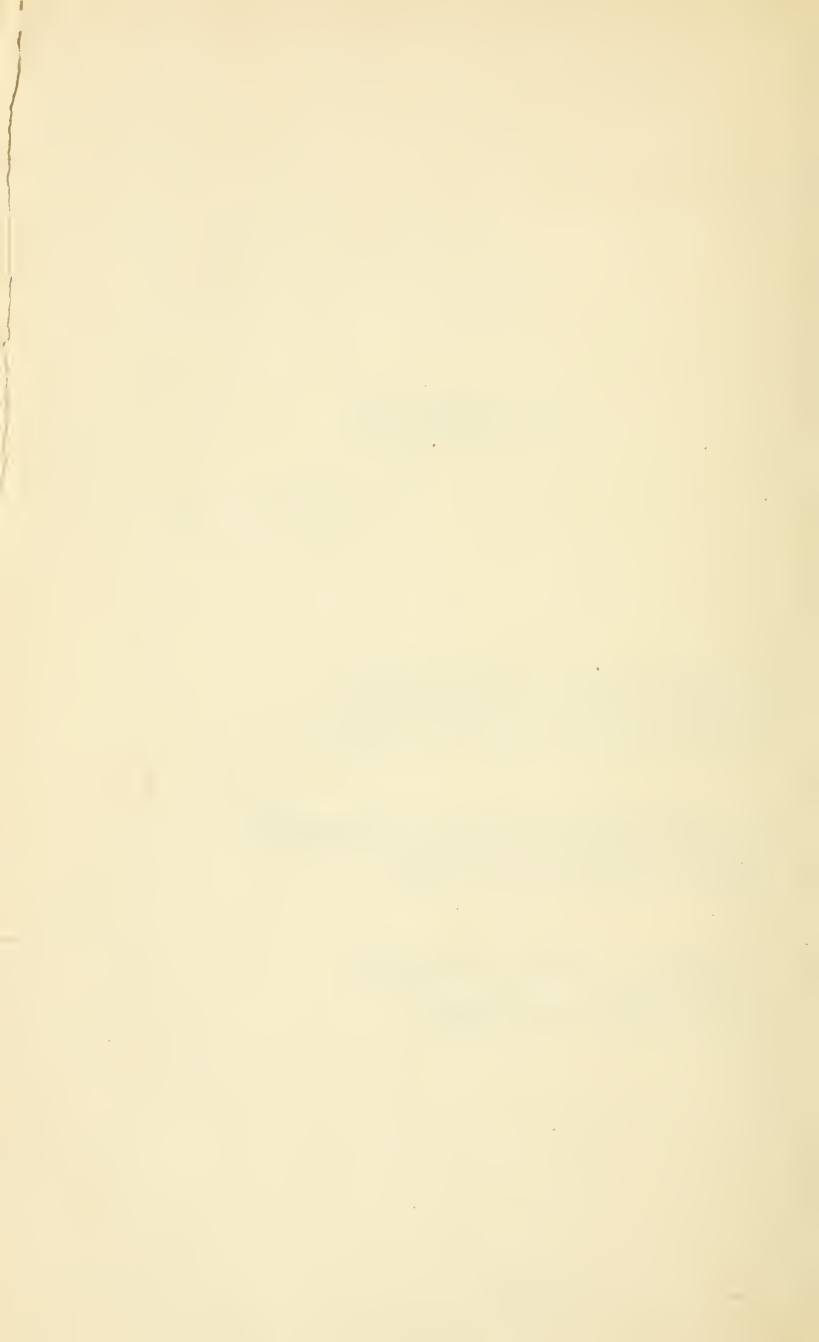
O dilema

A ANIBAL SOARES

Se o pranto agita o teu divino seio,
Sinto um misto de pena e de receio.

E' que não choras sem que um derrancado
Iago, cá por dentro, me sugira

— Que estás lavando um pecado,
— Ou regando uma mentira . . .



IV

Mater pulchra filia pulchrrior

A AFONSO GAIO

Entraram na conversa a filha e a mamã.
A mãe era bonita. A filha era-o também.

— Esta senhora é sua irmã?
Disse eu interrogando a mãe.

E a mãe teve um sorriso de contente
E a filha um sorrizinho de quesília. . .

— Que coisa comovente
E' o amor de família !. . .

Lacrymae rerum

A JOÃO FRANCO MONTEIRO

Numa carta em estilo sorridente
(Mas sôbre as linhas da qual
Os meus olhos choraram longamente)
Pus este aviso final :

Por notares que manchei
Isso que em cima ficou,
— Não vás supor que chorei . . .

Foi água que se entornou.

VI

Joven Lília abandonada

A LUÍS BARRETO

Sempre que a vejo a contemplar os céus
Com ar de lírica neurastenia,
Dá-me a impressão de estar pedindo a Deus :
— Ao menos, um alferes d'infantaria ! . . .



VII

O eterno amor

A JOÃO DE DEUS RAMOS

Pus-me a reler as tuas cartas hoje.

Ha bons tres anos que mas escreveste. . .

— Vê como o amor, vê como o tempo foge !

Entre uma delas, na maior, meteste

(Naquele día para o que te deu !)

Umas folhas rendadas de cipreste. . .

São trinta cartas d'apertadas linhas
Todas d'abril — do mês em que no céu
Já vôam as sagradas andorinhas —

«Juro-te amor eterno» uma dizia.
Pois afinal durou um mês por junto
O amor eterno. Quem o suporia !

Rezemos pelo defunto.
Padre Nosso, Avè Maria . . .

VIII

Caçadores da rua do Oiro

A FRANCISCO TEIXEIRA

— Mas se ela te não quer, se a não apanhas
Por que a persegues com os teus deriços ?

— Por que é dentro dos ouriços
Que se encontram as castanhas . . .

IX

A sugestão dos nomes

A FRANCISCO CARRELHAS

«*Torre de Dona Chama*, 18 ás 3 a 20 da t. *Liberal*, Lisboa. A povoação em peso insurgiu-se contra o procedimento do bispo de Bragança e resolveu efectuar civilmente os baptisados e enterros.» — Correspondente.

«*Pampilhosa do Botão*, 17. *Século*, Lisboa. Torna-se cada vez mais sensível a falta de pastos. Os lavradores estão preocupadíssimos e em vespersas duma crise de fome. C.»

«As coisas são o que são»
Clássica e pleonástica tolice !
Tola e sentenciosa opinião !

As coisas são o que o seu nome indica
São o que a eufonia lhes predisse
E nelas sempre dominando fica . . .

Ha nomes d'onde o encanto se derrama,
Outros, que só ridículo nos dão.
Queiram ouvir : *Torre de Dona Chama !*
Contraste : *Pampilhosa do Botão . . .*

* * *

Mal calculava talvez
Quem te serviu de madrinha
A boa escolha que fez !

(E' Túlia, mas chamam-lhe Tolinha . . .)

X

Frases feitas

AO POETA JOSÉ AUGUSTO DE CASTRO

«E' o meu coração um livro aberto»

Que pena ! Um livro aberto ! Mas assim
Sempre isso que diziam era certo,
— Leu-o alguém antes de mim . . .

XI

Aguas passadas
que moem moinhos

A JOSÉ QUEIROZ

«Deitei um véu por sobre o meu passado»

Enterra-o antes, moreninha linda.

Um véu (e não é véu se fôr fechado)

— Alguma coisa deixa ver ainda. . .

XII

Idílio cómico

A GUILHERME BRAGA, SOBRINHO

Aquilo que me lembra com mais gôsto
Desse cómico amor intermitente
E' uma noite cálida d'agosto
Em que ambos nos beijámos longamente,
Até luzir no céu a madrugada. . .

Eu de cá
E tu de lá
— Duma porta envidraçada

(Convém explicar talvez
Que sucedêra um entrave :
A porta estava fechada
E não tínhamos a chave).

XIII

A contrario sensu

A MARTINS FIGUEIRA

Sempre que tu nervosamente estejas
Toda expansiva, toda tagarela,
Tens qualquer coisa, á certa, mas desejas
Que eu não a saiba, que não dê por ela...

Quando porêin inculcas seriedade,
Quando a língua incansavel te repouisa,
— Então estás com vontade
De contar-me alguma coisa...

XIV

A tout seigneur...

A ADELINO MENDES

No teu pescoço esbelto de morena
Usas, ás vezes, um decote em *vê*,

Essa letra, porê, é tão pequena
Que mal se lê,
Que mostra apenas, d'entre o que escondeu.
Uma nesga inestética e minúscula.

Ora um colo como o teu . . .
— Merece letra maiúscula.

XV

Castelos no ar

A SIMÃO JOSÉ

Naquele julho — abrasante
Como um inferno dantesco —
Íamos para o mirante
Às tardes, tomar o fresco.

Tu ficavas assentada . . .
Eu, ao pé, olhando o espaço,
Com a cabeça deitada
No teu divino regaço .

E conservava-me assim
Horas e horas, a sonhar
Altas torres de marfim.
Palácios, castelos no ar . . .

E a tais alturas me voava,
Meu amor, a fantasia
Que lá das nuvens, olhava . . .

Olhava, e já te não via !

O espelho que te ofereço

A CARLOS DE LEMOS

Vou rogar esta praga a uma mulher
Que encheu a minha vida d'amargura :

(Eu não a odeio sequer,
Tudo isto é literatura)

Tão corcunda, mulher, te veja eu,
Tão curva ao pêso das mágoas,
Que só possas ver o céu . . .
— No espelho inquieto das águas !

XVII

Taboada de somar

A JOÃO ANTONIO DOS SANTOS SILVA

Permitiu que lhe desse tantos beijos
Quantos eram os anos que ela tinha.

Cheguei ao fim da conta . . . com desejos
De que fôsse uma velhinha.

XVIII

O idealismo contemporaneo

Cortês, gentil, reverente,
Um poeta beijou-te a mão.

Ficaste a impár de contente
Por que a coisa pareceu
Um sinal de distinção.

Eis aqui a explicação
Que o versejador me deu :

«Se a mão dela aos lábios chego,
Chego aos olhos os aneis.
Ai filho! Postos no prego,
Davam um conto de réis!»

XIX

O 15.º

Para te ouvir falar no precedente
Ao teu décimo quinto bem amado,
Dava um dente
De bom grado.

(Doía-me. Arrancaram-mo ha becado . . .)

A «toilette» do sentimento

— Que palreira ! Que jovial ! . . .

— «Estranha vêr-me animada

Em dia de carnaval ? ! . . . »

— Acho-a triste. Acho-a mudada !

— «E' tempo santo o d'agora . . . »

(Quando o seu calendário não diz nada

Que aspecto mostrará esta senhora ? . . .)

Est modus in rebus

Dizes que sou um doido, um impulsivo ;
Sê-lo-hei ás vezes, mas em outras não.
Amei-te, é certo, sem nenhum motivo ;
Mas quando te deixei — tive razão . .

XXII

Drama em dois actos

(DE WILLIAM FRIEND)

Amou-a com religioso amor
Que é raro d'encontrar-se nesta data.
E ela dizia a rir : que maçador !
E êle dizia a soluçar : que ingrata !

Teve o episódio um segundo acto.
O amargurante fel mudou de taça.
E ela, por entre lágrimas : que ingrato !
E êle, por entre dentes : que carraça !

XXIII

Entre Scylla e Charybdes

A ALBINO FORJAZ DE SAMPAIO

Só raros haverá que se não doam ;
Os restantes, porêm, todos se queixam.
 As bonitas atraçoam
 E as feias não nos deixam . . .

Neste dilema terrível
Fica um homem sem saber
Qual dos termos é preferível,
Por que lado há de escolher . . .

Eu direi alto e bom som,
Como descrente do amor :
O primeiro não é bom,
— Mas o segundo é pior . .

Graça imortal

A JAIME BATALHA REIS

Sorgete, ombre santa e benedette
d'ell'antica Grecia.

MANTEGAZZA, *Gli amori degli
uomini.*

Epigrama á vaidade da beleza

(DE PLATÃO)

«Eu, esta orgulhosa Lais para
quem a Grécia era um brinquedo
e que tinha á porta um enxame de
jovens amantes, consagro a Venus
este espelho. Não quero vêr-me
tal qual sou, e não posso vêr-me
tal qual era.»

Eu, esta Lais d'orgulho insubmisso,
A cuja porta vinham os amantes
Como abelhas doiradas ao cortiço . . .

Eu, esta Lais que tinha d'antes
O rosto lindo e ledô ;
Eu, para quem a altiva Grécia era
Um leve, futil e infantil brinquedo ;

A ti, beleza que se não altera,
A ti, oh deusa, o meu espelho dou.

- Não posso vêr-me como d'antes era ! . . .
- Não quero vêr-me como agóra sou ! . . .

Epigrama cómico a Venus

(DE ANTIPATER)

«Houve a idade de ouro, a de
prata e a de ferro; a Venus de hoje
pertence a todas essas tres idades;
ela honra quem lhe traz o ouro;
não repele o que lhe oferece a
prata e até mesmo acolhe o que
só tem moeda de ferro.»

Tres idades passaram neste encêrro

Da vida;

A d'ouro, a de prata e a de ferro.

Venus, a bela deusa das beldades

Que das alvas espumas foi nascida,

Pertence a todas essas tres idades:

Alegre acolhe quem no seu tesouro
Despeje as mãos a transbordarem d'ouro . . .

Mas nem por isso expulsa ou desacata
Os que — por mingua d'ouro — lhe dão prata . . .

E aos que só moeda de vil ferro dão . . .
Nem mesmo a êsses ela diz que não !

Epigrama cómico á perfídia

(IMITAÇÃO DE DEMODOCO)

No epigrama de Demodoco a víbora morde um capadócio. Tomei a liberdade de alterar a narrativa do Poeta por me parecer que o arrevezado patronímico destoa fortemente em versos modernos, mesmo quando eles, como neste caso, intentam reflectir a beleza antiga.

A TEIXEIRA DE CARVALHO

Um dia uma víbora mordeu num pé
A pérfida Cloé.

Perguntarão : Que succedeu
A' pérfida Cloé ? Morreu ?

Isso morreu ela . . .
Mal sentiu a mordidela.
Não teve febre, nem ardor, nem nada.

— A bicha é que morreu envenenada !

Epigrama cómico ao amor

(DE JULIANO DO EGYPTO)

«No outro dia, entrançando uma corôa, achei entre as rosas um Amor.

Tomando-o pelas asas, mergulhei-o em vinho ; feito isto, engulio-o, e êle agora no meu seio faz-me sofrer, batendo as asas.»

A HENRIQUE DE VASCONCELOS

Um dia,
Em que tecia,
Com os olhos contentes
E mãos diligentes
Capelas de rosas,
Entre uma das rosas, achei um Amor.

Peguei-lhe nas asas com todo o geitinho,
Tirei-o da flôr,
Deitei-o depois numa taça de vinho,
E ao beber sequioso
O vinho capitoso
— Enguli também o pequenino Amor.

Quiz que fôsse a minha taça o seu esquite
E o meu peito a sua negra sepultura . . .
Porêm o maroto, porêm o patife,
Ainda vive ! Ainda mexe ! Ainda dura !

Furou-me o estomago, mudou de prisão
E faz-me cuidado,
E dá-me aflição
Senti-lo cá dentro, raivoso e irado,
— A bater as asas no meu coração ! . . .

A sabedoria das nações

RESPOSTA A UMA DAMA
QUE TEM A MANIA DOS
ADÁGIOS.

I

Dá Deus nozes a quem não tem dentes

«Ah! se eu estivesse nas condições da J. Mas, que queres? dá Deus nozes a quem não tem dentes.»

Ha aqui troca de vozes
E raciocínios trocados;

Melhor seria dizer :
«Não são as nozes
Para os desdentados.»

As nozes ficam por comer . . .
Comem-se quantas nas nogueiras ha.

E d'aí provêm
Que Deus as dá
— A quem os tem . . .

II

Antes só que mal acompanhado

«Estranhas vêr-me só pela Baixa! Pois antes só que mal acompanhada...»

A HORÁCIO SILVA

Por mau homem não me tenho.
Grandes males nunca os fiz.
Todavia não convenho
No que este ditado diz.

Ha companheiro algum
Pior e mais inimigo
Do que o é cada um
Quando conversa comsigo?... .

III

Fia-te na Virgem e não corras

«Lá quanto a isso, são desnecessárias recomendações. Tenho sempre presente o adágio : Fia-te na Virgem e não corras. . . »

Mas quem rápido vae,
Mais depressa cáí . . .

Quanto a mim,
Desejava vê-lo assim modificar
A êste anexim :

Fia-te na Virgem — e anda de vagar . . .

IV

Casamento e mortalha no céu se talha

«Será o que Deus quiser. Casa-
mento e mortalha, bem sabes, no
céu se talha.»

A ROCHA MARTINS

Hoje tombou
A' minha vista
Um homem todo em sangue, na calçada.

Então foi Deus quem guiou
A doida mão do fadista
Que deu aquela facada ?!

* * *

Com uma dama que teve
Filhos de variados páis,
Tenciona casar-se breve
Um mercante de grossos cabedais.

Pergunto agora :
Seria Deus ? Ora ! . . .

Nunca em tal poderei crêr ;
Acredita-o tu, se podes.

— Nem Deus tem mais que fazer
Do que andar-se a intrometer
No cío que ataca os bodes . . .

V

Lenha verde mal se acende

«Não tenhas ciumes. O J. ainda
anda no colégio e a lenha verde
mal se acende.»

A BAPTISTA COELHO

Lenha verde mal se acende,
E' ditado sôbre o fogo.

A sêca, então nada rende,
Se arde bem — queima-se logo. . .

VI

De vagar que tenho pressa

«Não sejas impaciente. Lá para o verão, quando o papá sair mais de casa... As coisas querem-se pensadas. De vagar que tenho pressa.»

A ARNALDO MONTEIRO

Veio um lesmo d'Amarante
Para casar em Lisboa.
Com uma lesma galante
Muito rica e muito boa.

E veio do seu vagar,
Com toda a comodidade,

A fazer e a recitar
Baladas, odes, sonetos . . .

Quando chegou á cidade,
A noiva . . . já tinha netos !

VII

Antes que cases olha o que fazes

«E' certo que o M. me pretende ;
mas antes que cases olha o que fa-
zes.»

«Antes que cases
Olha o que fazes.»

O águia que engendrou esta sentença
Foi pássaro de curta e fragil asa.

Quem casa . . . não pensa !
Quem pensa . . . não casa !

VIII

Quem porfía mata caça

«A mamã está renitente; mas eu
tanto lhe pedirei que ella há de
fazer-me a vontade. Quem porfía
mata caça.»

Matou um caçador uma gazela
Mas depois de muitos dias
D'esperas e de porfias,
De quartos de sentinela.

Mandou fazer do lombo um tenro e belo assado
Mas vem um gato, rouba-lh'o da mesa, e tóca
A fugir como um danado.

*«Do prato á boca
Se perde o bocado.»*

Se não logrou o melhor dela,
Mer'ceu a pena a estopada
De perder tanta passada
Com a arisca da gazela ? . . .

IX

Gostos não se discutem

«Pois eu acho-a simpática e fico
na minha opinião apesar do que
dizes. Gostos não se discutem.»

Não serei eu quem refute
O senso prudente e raro
Dêste ditado. Está bem.

O gosto não se discute.
Não se discute, claro,
— Mas é com quem o não tem . . .

X

A palavra é de prata,
mas o silêncio é d'oiro

«Por dignidade, deixo sem res-
posta as tuas censuras. A palavra é
de prata, mas o silêncio é d'oiro...»

A sapiência barata
Lá reza no seu tesoíro
Que a palavra é fina prata
Mas que o silêncio — é oiro.

Assim será. Todavia,
Ao oiro d'alta valia
Eu deixo-o pela primeira.

E' sempre de mais efeito
A pràtazinha caseira
Duma resposta — a preceito . . .

XI

Cavalo dado, não se
lhe olha ao dente

A MANUEL GUSTAVO

«Realmente, o vestido não é bonito. Deu-mo a prima L. e a cavalo dado não se lhe olha o dente.»

Quando o cavalo
De presente nos fôr dado,
E' que é olhá-lo
Por detrás e por de lado
E pela frente . . .

E se fôr escanzelado,
 Ou tiver mau dente,
Ou fôr besta velha,

Diz-se ao dono do presente
— Que não desmanche a parelha . . .

A esmo

I

«E' coxo!» . . . disseste a rir.
E sou. Arrasto um dos pés ;
Quero e não posso fugir
De croias do teu jaez . . .

II

Dona do meu coração :
Se a cabeça de repente
Te cortassem, toda a gente
Exclamava : olha o balão ! . . .

III

Abre-te o riso traiçoeiro
No rosto, covas sensuais,
Se para ti é coveiro
— Que não será para os mais?...

IV

Embora tomes a mal
A pergunta, não me tenho :
Que despeza faz em cal
Um carão dêsse tamanho?...

V

Se a mulher que se pranteia
Tiver um espelho em frente
E vir que a chorar é feia,
— Cala-se imediatamente.

VI

Julguei-te nova e és velha.
Numa rosa de papel
Tambem já vi uma abelha
Poisar, á busca do mel. . .

VII

Se querem que eu ressuscite
Que torne a ter vida nova,
Peçam-lhe a ela que grite :
— Façam-me ao pé outra cova !. . .

VIII

Os teus miolos — certifico,
Vou jurá-lo ante a justiça —
Não encheriam o bico,
O bico duma carriça. . .

IX

Ha pouco vi-te um vestido
E agora foste mudá-lo.
Ai ! quem tivesse podido
Abraçar-te no intervalo ! . . .

X

Dão-me histéricos desejos
As tuas faces pintadas.
Despintar uma com beijos
— E a outra com bofetadas . . .

XI

Já não voltas friamente
De mim, o rosto gentil :
Pois olha que a tua frente
Vale menos que o perfil . . .

XII

Reles poeta ! Reles versos !
Direis, por certo, leitores.
Oh tartufos, oh perversos,
Sois por ventura melhores ? . . .

ÍNDICE

	Pag.
<i>Dedicatória</i>	7
<i>Prefácio</i>	11
<i>Intróito</i>	17
<i>A Virtude</i>	19
<i>O Amor</i>	29
<i>O casamento e a família</i>	39
<i>Trovas de Pero Botelho</i>	45
<i>Dísticos :</i>	
<i>A lanterna de Diógenes</i>	55
<i>A beleza dos senões</i>	57
<i>O dilema</i>	59
<i>Mater pulchra filia de pulchrior</i>	61
<i>Lacrymae rerum</i>	63
<i>Joven Lília abandonada</i>	65
<i>O eterno amor</i>	67
<i>Caçadores da rua do Oiro</i>	69
<i>A sugestão dos nomes</i>	71
<i>Frase feita</i>	73
<i>Águas passadas que moem moinhos</i>	75
<i>Idílio cómico</i>	77
<i>A contrario sensu</i>	79
<i>A tout seigneur</i>	81
<i>Castelos no ar</i>	83

iaz de Sampaio

O espelho que te ofereço	2.ª ed.,	2\$00
Taboada de somar	3.ª ed.,	1\$00
O idealismo contemporaneo	4.ª ed.,	
O 15.º		91
A «toilette» do sentimento		93
Est modus in rebus		95
Drama em dois actos		97
Entre Scylla e Charybdes		99
<i>Graça imortal :</i>		
Epigrama á vaidade da beleza		103
Epigrama cómico a Venus		105
Epigrama cómico á perfídia		107
Epigrama cómico ao amor		109
<i>A sabedoria das nações :</i>		
Dá Deus nozes a quem não tem dentes		113
Antes só que mal acompanhado		115
Fia-te na Virgem e não corras		117
Casamento e mortalha no céu se talha		119
Lenha verde mal se acende		121
De vagar que tenho pressa		123
Antes que cases olha o que fazes		125
Quem porfia mata caça		127
Gostos não se discutem		129
A palavra é de prata mas o silêncio é d'ouro		131
Cavalo dado, não se lhe olha ao dente		133
A esmo		135

